

# HISTÓRIA

## do Mês

n.º 38 | fevereiro.18

### Os Charcos Temporários Mediterrânicos de Vila do Bispo e o incrível TRIOPS VICENTINUS



CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE VILA DO BISPO



Município  
Vila do  
Bispo

## Os Charcos Temporários Mediterrânicos de Vila do Bispo e o incrível TRIOPS VICENTINUS

A área territorial do Concelho de Vila do Bispo conserva um importante conjunto de raros e muito sensíveis ecossistemas - os **Charcos Temporários Mediterrânicos**.

Os Charcos Temporários Mediterrânicos constituem um dos mais notáveis e singulares habitats de água doce de toda a Europa, sendo por isso considerados como Habitat Prioritário pelo Anexo I da Diretiva Habitats (92/43/CEE).

Conscientes desta realidade, a Liga para a Proteção da Natureza (LPN) submeteu à aprovação da Comissão Europeia um Projeto LIFE+ designado de "[Conservação de Charcos Temporários na Costa Sudoeste de Portugal](#)", iniciativa que se desenvolveu ao longo dos últimos 5 anos, iniciada em julho de 2013 e que termina em setembro do presente ano de 2018.

Os Charcos Temporários Mediterrânicos apresentam-se como depressões pouco profundas, mas com alguma capacidade de retenção de águas-de-chuva, registando, por isso, uma alternância anual entre uma fase seca e uma fase inundada. Em alguns casos, a fase inundada, ou hidroperíodo, pode ser mais dilatada por contacto com aquíferos subterrâneos que, nos meses de chuva, aumentam o seu nível freático. Por este facto, e curiosamente, a sua capacidade de retenção de água não se deve a propriedades próprias de impermeabilização, pelo contrário. Estas suaves depressões beneficiam da permeabilidade dos solos do seu leito, que permitem a irrigação ascendente de águas subterrâneas.

A dinâmica espaço-temporal dos charcos condiciona a estabilidade e a zonação de seres vivos. No início da primavera surgem as plantas aquáticas flutuantes, com folhas e flores à superfície. Sucedem-se as plantas anfíbias, que iniciam o seu desenvolvimento vegetativo ainda submersas, florescendo apenas quando a água começa a desaparecer, persistindo até à chegada da fase seca, nos inícios do verão.

Relativamente à fauna, os charcos temporários funcionam como zona de alimentação e de reprodução de várias espécies de aves, de anfíbios e de invertebrados, sendo cruciais para a ocorrência de algumas espécies pouco comuns e com elevado valor de conservação.

Além de assumirem um importante papel na conexa relação entre outros habitats de água doce, a diversidade de vida existente num charco temporário é significativamente elevada, geralmente superior àquela registada em outros meios aquáticos como, por exemplo, lagoas permanentes ou cursos de água. Tratando-se de ecossistemas raros e de elevada fragilidade ecológica, muitas das espécies que estes charcos acolhem também são raras, algumas únicas à escala global, encontrando-se por isso mesmo ameaçadas.

No fundo destes efémeros meios aquáticos, junto dos sedimentos, (sobre)vive uma espécie endémica, única no Mundo, denominada cientificamente de *Triops vicentinus*. Também conhecido como Camarão-girino, o nosso *Triops vicentinus* foi batizado com o epónimo da região onde foi pela primeira vez identificado, em 2010, nas imediações do Cabo de São Vicente, uma inédita descoberta da autoria



de duas investigadoras sedeadas na Universidade do Algarve - Margarida Machado e Margarida Cristo. A designação *Triops* deve-se ao facto de estes incríveis animais possuírem 3 olhos (2 olhos compostos e 1 naupliano).

O género *Triops* não é exclusivo da nossa região, pois existem exemplares semelhantes noutras partes do Mundo. Já a espécie *Triops vicentinus* encontra-se confinada ao concelho de Vila do Bispo, surgindo muito esporadicamente em charcos temporários na zona de Tunes, de Paderne e de Faro.

Estes animais possuem entre 35 a 71 pares de apêndices, designados de toracópodes. Estes toracópodes têm diversas funções, servindo para a respiração, locomoção e alimentação do animal.

Estes organismos são verdadeiros sobreviventes, autênticos ‘fósseis vivos’ que existem há mais de 200 milhões de anos, ou seja, contemporâneos dos dinossauros!

São crustáceos de água-doce e o seu ciclo de vida é pautado pela sazonalidade da água do charco onde vivem. Têm a capacidade de viver em condições de submersão durante alguns meses e, seguidamente, suportam as condições de seca estival extrema.

Os seus ‘ovos’ (cistos) resistem na fase seca para eclodirem com as primeiras chuvas dos anos seguintes. Incrivelmente, os cistos de *Triops vicentinus* conseguem sobreviver durante anos ou mesmo décadas, aguardando pacientemente pela chegada de chuvas em níveis adequados à sua eclosão!

Na sua primeira fase de vida estes fantásticos animais são filtradores, terminando como vorazes predadores carnívoros.

Apesar da grande semelhança, as fêmeas diferenciam-se dos machos por apresentarem carapaças maiores (as dos machos são ligeiramente mais arredondadas) e por patentarem um décimo-primeiro toracópode ligeiramente modificado para poder albergar os cistos. O comprimento máximo das suas carapaças, descontando a cauda (cercópodes), pode chegar até aos 7cm.

A preservação dos charcos temporários torna-se assim essencial para a sobrevivência desta singular espécie, bem como de outras, raras e exclusivas destes habitats. Trata-se de uma missão relativamente fácil, por via de informação, sensibilização e educação, e perfeitamente compatível com atividades económicas ditas “tradicionais”.

Por vezes a agricultura e a pastorícia partilham as mesmas áreas dos charcos temporários. A ação não massificada do pastoreio pode, inclusive, contribuir para a sustentabilidade e disseminação de crustáceos. Pelo facto de resistirem aos ácidos gástricos dos herbívoros, os cistos e os próprios *Triops* podem ser transportados nas fezes do gado, povoando assim outras zonas alagadiças.

Em terra de mariscadores, escusado será dizer que estes crustáceos não são comestíveis!!!

Fontes informativas  
[Projeto LIFE-CHARCOS](#)

texto e fotografia de Ricardo Soares  
arqueólogo da Câmara Municipal de Vila do Bispo